

Lula diz que, agora, Brasil 'começa a crescer'

Mas Alencar insiste numa cruzada contra a cultura de pagamento de juros elevados

DEMÉTRIO WEBER
Enviado especial

BELÉM – O presidente Luiz Inácio Lula da Silva disse ontem, em Belém, que "o Brasil está entrando num momento excepcional, em que vai começar a crescer". Ele comentou a redução de 2,5 pontos da taxa Selic, afirmando que "os juros começaram a cair; antes, mais lento do que algumas pessoas pensavam; a partir de ontem (quarta-feira), mais rápido do que algumas pessoas queriam".

Em Brasília, o vice-presidente José Alencar disse que o Brasil deve realizar uma cruzada contra a cultura de pagamento de juros elevados que se estabeleceu no País. O comentário foi feito depois de participar do Fórum do Sistema S, promovido pelo Conselho Nacional do Serviço Social da Indústria (Sesi). Questionado sobre a redução da taxa básica de juro, Alencar disse que não comentava decisões do Copom: "Eu não comento essas decisões porque elas não têm nada a ver com o que eu estou falando. Eu estou falando de um problema de regime de juros que se estabeleceu no País por uma cultura, o desenvolvimento de uma cultura".

O vice-presidente reclamou que tem sido mal interpretado pela imprensa e que suas declarações têm sido ironizadas por jornalistas. Disse que a população precisa entender que a queda de juro nominal não significa redução de juro real, e que uma taxa alta, no tempo da inflação, podia embutir juro real negativo, enquanto uma taxa mais baixa, agora, embute juros que ele considera inaceitáveis.

Alencar acrescentou que a própria taxa básica, de 22% ao ano, embute juro real elevado, por ele considerada incompatível com a atividade econômica. Mas disse que sua cruzada é contra toda a estrutura: "É contra todos eles, a começar pela taxa básica; a cultura alcança a básica também. Quando vamos adotar política de juros não podemos nos cingir a uma questão de decisão do Copom, que é o órgão técnico".

Segundo o vice-presidente, é necessário equivarpar as taxas de juros com as dos países com os quais o Brasil compete no mercado internacional. Ele observou que a luta contra os juros, por uma mudança da cultura da sociedade, envolve também o aumento das exportações e a obtenção de grandes saldos comerciais para que o País se torne independente, "para que o Brasil não precise sair correndo atrás de recursos, porque, se ele está independente, os juros caem naturalmente".

Em seguida, citou a política econômica chinesa e a agricultura brasileira como exemplos de caminhos a serem seguidos para o País reduzir a vulnerabilidade externa e a dependência de capitais de curto prazo. Segundo ele, a China não tem potencial maior que a brasileira, mas adotou uma política econômica voltada para a poupança interna (US\$ 330 bilhões de reservas) e para as exportações, graças a juros baixos e a um câmbio favorável.

De acordo com Alencar, dessa maneira a China construiu uma independência em relação aos capitais voláteis. "Os bancos, sejam nacionais ou a própria banca internacional, dão recursos para quem não precisa", disse. "É assim na vida real: se você tiver uma empresa endividada, os bancos não lhe dão recursos. Mas se for empresa sólida e líquida, os bancos lhe oferecem".

Segundo ele, o Brasil sairá dessa situação de dependência quando tiver uma queda da taxa de juros reais e estimular as exportações. (Colaboraram José Ramos e Theo Saad).



Na posse de Eduardo Loyo (dir.), Henrique Meirelles detalhou o conceito de gradualismo do BC

Rafael Neddermeyer/AE

32
33
34